



**PROFESSORES: Rafael Antônio Kapron; (Vinicius Bertolo), (Elcira).**  
**DISCIPLINA: História, Área: Ciências Humanas**  
**Série: 3º ano: Turmas A, B, C, D, E, F, G.**  
**Junho de 2020/2.**

**Atividades da Disciplina (Aulas Programadas): Período de suspensão das aulas presenciais no Colégio. Aos Estudantes: Leitura e o Estudo:**

HOBBSAWM, Eric J.. **A Era dos Impérios 1875 – 1914**. 12. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A., 2008:

“No verão de 1913, uma jovem se formou na escola secundária em Viena, capital do Império Austro-Húngaro. Ainda era uma façanha bastante incomum entre as moças da Europa central. Para comemorar o acontecimento, seus pais decidiram presenteá-la com uma viagem ao exterior, e como era impensável que uma moça de família de dezoito anos fosse exposta ao perigo e à tentação sozinha, procuraram um parente que conviesse. Felizmente, entre as várias famílias interligadas que haviam saído de várias cidades pequenas da Polônia e da Hungria nas gerações anteriores e avançado para o Ocidente rumo à prosperidade e à educação, havia uma que fora mais bem-sucedida que a média. Tio Albert construíra uma rede de lojas no Levante – Constantinopla, Esmirna, Alepo, Alexandria. No início do século XX não faltavam negócios a serem feitos no Império Otomano e no Oriente Médio, e a Áustria há muito era a janela comercial da Europa central para o Oriente. O Egito era ao mesmo tempo um museu vivo, próprio para o aprimoramento cultural, e uma comunidade sofisticada da classe média cosmopolita europeia, com quem era fácil se comunicar por meio da língua francesa, que a moça e suas irmãs haviam aperfeiçoado num internato nas vizinhanças de Bruxelas. O país continha também, é claro, os árabes. O tio Albert ficou feliz em acolher sua jovem parenta, que viajou para o Egito num navio a vapor do Lloyd Triestino, saindo de Trieste, então o principal porto do Império Habsburgo e também, coincidentemente, o lugar onde residia James Joyce. A moça viria a ser a mãe do autor deste livro.

Alguns anos antes, um rapaz também viajou para o Egito, mas de Londres. Os antecedentes de sua família eram consideravelmente mais modestos. Seu pai, que emigrara da Polônia russa para a Grã-Bretanha na década de 1870, marceneiro profissional, ganhava seu precário sustento na zona leste de Londres e Manchester, criando, o melhor possível, uma filha de seu primeiro casamento e oito filhos do segundo, a maioria deles já nascida na Inglaterra. Só um de seus filhos teve talento ou interesse pelos negócios. Apenas um dos mais novos teve acesso a uma escolaridade mais prolongada, tornando-se engenheiro de minas na América do Sul, que então fazia informalmente parte do Império Britânico. Todos, contudo, procuravam apaixonadamente dominar a língua e a cultura inglesas e se anglicizaram com entusiasmo. Um foi ser ator, outro levou avante os negócios da família, um se tornou professor primário, outros dois entraram para o funcionalismo público em expansão, trabalhando nos Correios. Acontece que a Grã-Bretanha ocupara o Egito pouco antes (1882) e, assim, um irmão acabou representando uma pequena parte do Império Britânico – os Correios e Telégrafos egípcios – no delta do Nilo. Ele sugeriu que o Egito conviria a mais um de seus irmãos, cujas principais qualificações para ganhar seu sustento lhe teriam sido muitíssimo úteis se ele não se visse realmente obrigado a ganhá-lo: era inteligente, agradável, musical e um bom esportista versátil, além de pugilista peso-leve de nível de campeonato. Na verdade, ele era exatamente o tipo de inglês que conseguiria e manteria um cargo num escritório de navegação muito mais facilmente ‘nas colônias’ que em qualquer outro lugar.

Esse rapaz viria a ser o pai do autor, que conheceu, assim, sua futura esposa ali onde a economia e a política da Era dos Impérios, sem falar de sua história social, os reuniu – presumivelmente no Esporte Clube dos arredores de Alexandria, perto de onde instalariam sua primeira casa. É extremamente improvável que um encontro assim tivesse acontecido num lugar assim, ou que tivesse levado ao casamento entre duas pessoas assim em qualquer outro período da história anterior ao abordado neste livro. (...).

Entretanto, há um motivo mais sério para começar o presente volume com um fato autobiográfico. Para todos nós há uma zona de penumbra entre a história e a memória; entre o passado como um

registro geral aberto a um exame mais ou menos isento e o passado como parte lembrada ou experiência de nossas vidas. Para os seres humanos individuais essa zona se estende do ponto onde as tradições ou memórias familiares começam – digamos, da foto de família mais antiga que o familiar vivo mais velho pode identificar ou explicar – ao fim da infância, quando se reconhece que os destinos público e privado são inseparáveis e se determinam mutuamente (...). A extensão dessa zona pode variar, bem como a obscuridade e a imprecisão que a caracterizam. Mas sempre há essa terra-de-ninguém no tempo. É a parte da história cuja compreensão é mais árdua para os historiadores, ou para quem quer que seja. (...).

A necessidade de algum tipo de perspectiva histórica é ainda mais urgente pelo fato de as pessoas do final do século XX ainda estarem, de fato, apaixonadamente envolvidas com o período que se encerrou em 1914, provavelmente porque agosto de 1914 é uma das ‘rupturas naturais’ mais inegáveis da história. Foi sentido como o fim de uma era em seu tempo, e ainda o é. É bem possível rebater essa opinião insistindo-se na continuidade e nas situações inconclusas que se prolongaram através dos anos da Primeira Guerra Mundial. Afinal, a história não é como uma linha de ônibus em que todos – passageiros, motorista e cobrador – são substituídos quando chega ao ponto final. Não obstante, se há datas que obedecem a algo mais que à necessidade de periodização, agosto de 1914 é uma delas: foi considerada o marco do fim do mundo feito por e para a burguesia. Assinala o fim do ‘longo século XIX’ com o qual os historiadores aprenderam a trabalhar; (...).

Não há dúvida de que foi por esse motivo que ele atraiu um número assombroso de historiadores, amadores e profissionais, autores que escreveram sobre cultura, literatura e artes, biógrafos, realizadores de filmes e programas de televisão e, não menos importantes, criadores de moda. (...) esse período, como vimos, não é crucial apenas para o desenvolvimento da cultura moderna, mas dá margem a um grande número de debates acalorados na área da história, nacional ou internacional, em sua grande maioria iniciados nos anos que precederam 1914: sobre o imperialismo, sobre o desenvolvimento dos movimentos trabalhistas e socialistas, sobre o problema do declínio econômico britânico, sobre a natureza e a origem da Revolução Russa – para citar apenas alguns. Por motivos óbvios, o mais conhecido desses temas é a questão das origens da Primeira Guerra Mundial, que até a data já gerou vários milhares de volumes e continua a produzir literatura em quantidades impressionantes. A questão permaneceu viva porque o problema das origens das guerras mundiais infelizmente tem se recusado a desaparecer desde 1914. De fato, em nenhum outro ponto a vinculação entre preocupações passadas e presentes é mais evidente que na história da Era dos Impérios.” (p. 13-20).

### **Analisar os pedidos e responder as questões:**

- 1- Observar com atenção os nomes de cidades e/ou países mencionados no texto: Com o auxílio de um mapa da Europa, África e Ásia localizar os lugares mencionados;**
- 2- Comparar, através de consulta, o mapa político da Europa dos anos 2000, com o mapa político da Europa da década de 1910 e com o mapa da Europa da época do Congresso de Viena na década de 1810. Identificar que países existiam e desapareceram, que países surgiram e quais permanecem. Ter a atenção em observar as linhas de fronteira;**
- 3- Que profissões são mencionadas no texto?**
- 4- Que diferença há entre mencionar País ou Império?**
- 5- Ao fim do século XIX e duas primeiras décadas do século XX quais eram os países mais desenvolvidos e/ou industrializados a nível mundial?**
- 6- Que diferença há entre mencionar Grã-Bretanha, Reino Unido e Inglaterra?**
- 7- Ler no Livro Didático o Capítulo 1 (“Imperialismo na África e na Ásia”) e identificar que relação há com o texto desta Atividade da Disciplina.**

Atenção: Se o estudo for realizado com consultas em outras fontes:

Livro: indicar Autoria, Título, Ano de publicação, Páginas;

Internet: Identificar o nome do Portal ou Sítio, Endereço do Portal, Título e Autoria do texto pesquisado, Data de pesquisa.

(Ter capacidade de explicar os procedimentos de pesquisa).